

DEVIL'S DOORWAY / 1950

O Caminho do Diabo

Um filme de ANTHONY MANN

Realização: Anthony Mann / Argumento: Guy Trosper / Fotografia: John Alton / Direcção Artística: Cedric Gibbons, Leonid Vasián / Figurinos: Walter Plunkett / Montagem: Conrad A. Nervig / Música: Daniele Amfitheatrof / Intérpretes: Robert Taylor (Lance Poole), Louis Calhern (Verne Coolan), Paula Raymond (Orrie Masters), Marshall Thompson (Rod MacDougall), James Mitchell (Red Rock), Edgar Buchanan (Zeke Carmody), Rhys Williams (Scotty MacDougall), Spring Byington (Mrs. Masters), James Millican (Ike Stapleton), Bruce Cowling (Ten. Grimes), Fritz Leiber (Mr. Poole), Harry Antrim (Dr. MacQuillan), Chief John Big Tree (Thundercloud)

Produção: Nicholas Nayfack, para a M.-G.-M. / Cópia: 35mm, preto e branco, versão original legendada em castelhano e eletronicamente em português / Duração: 84 minutos / Estreia Mundial: New York, 15 de Setembro de 1950 / Estreia em Portugal: Cinema S. Jorge, 29 de Maio de 1952

Na obra de Anthony Mann, *DEVIL'S DOORWAY* marca a sua entrada no universo do western (mesmo que, cronologicamente no que se refere à estreia, *WINCHESTER 73* se antecipe nalguns meses, este filme faz já parte de um ciclo que se distingue claramente daquele em que se integra *DEVIL'S DOORWAY*). Mann já aflorara o género nalgumas das suas obras mais impressionantes do período anterior, a saber, *DESPERATE* e *BORDER INCIDENT*, especialmente o segundo, na exploração dramática da paisagem e na captação dos exteriores. A aproximação com *BORDER INCIDENT* é ainda mais destacada graças à presença de John Alton como director de fotografia, o mestre da imagem do filme “negro”, na que será a sua última colaboração com Anthony Mann (após *T-MEN*, *RAW DEAL*, *REIGN OF TERROR* e *BORDER INCIDENT*). E é esta contribuição que “explica” o que *DEVIL'S DOORWAY* poderá ter de “diferente” em relação aos restantes westerns do realizador. Na verdade, tal como *BORDER INCIDENT* se pode considerar como um western “moderno” marcado por um estilo do policial “negro”, também *DEVIL'S DOORWAY* como um western “clássico” com o mesmo estilo “negro”. Basta comparar este filme com *WINCHESTER 73* para se perceber o que “mudou” no olhar de Mann. O clima opressivo e claustrofóbico de *DEVIL'S...* parece atenuar-se (ou dissolver-se) na ampla paisagem por onde (agora) circulam as personagens. Em *DEVIL'S...* já há sinais dessa mudança na admirável exploração da paisagem do vale em que decorre a acção (exteriores filmados no Colorado, tal como *THE NAKED SPUR*), mas o tom dominante é ainda o da tragédia pintada em tons de “claro-escuro”.

DEVIL'S DOORWAY ocupa um lugar curioso na história do western e na dos nomes mais conhecidos ligados ao filme. Podia dizer-se do filme que foi sempre a (esquecida) “dama de honor” e nunca a “noiva”, mesmo que seja mais importante e “bonita” que esta. Por exemplo: não foi o

primeiro western “pró-índio” porque alguns meses antes se estreara *BROKEN ARROW/A FLECHA QUEBRADA*, de Delmer Daves. Nas filmografias de Mann perde também por poucos meses, face a *WINCHESTER 73*, o lugar de primeiro western do realizador. Finalmente na filmografia de Robert Taylor perde também, para *AMBUSH/ARMADILHA*, de Sam Wood, o lugar de primeiro western do actor após a guerra, a partir do qual o actor conseguiu recuperar o seu estatuto anterior de vedeta em dois géneros, o filme “histórico” (*QUO VADIS, IVANHOE, KNIGHTS OF THE ROUND TABLE, QUENTIN DURWARD*) e no western (*WESTWARD THE WOMEN, RIDE VAQUERO, THE LAST HUNT, THE LAW AND JAKE WADE*). Sempre em segundo lugar, *DEVIL’S DOORWAY* é, em comparação com os seus rivais (à excepção do outro filme de Mann) bem superior e interessante. Face a *BROKEN ARROW*, o olhar que Mann lança em *DEVIL’S DOORWAY* sobre a questão índia é bem mais lúcido e a personagem de Lance Poole (Robert Taylor) bem mais realista e trágica. Poole não é apresentado com aquele ar “deslavado” com que os westerns “ecologistas” dos anos 60 se compraziam em retratar os nativos americanos numa espécie de “bons selvagens” rousseauianos. A sua relação com a terra é a mesma da dos grandes senhores de terras do Oeste que westerns anteriores tinham retratado (Lionel Barrymore em *DUEL IN THE SUN/DUELO AO SOL*, de King Vidor, Spencer Tracy em *SEA OF GRASS/TERRA DE AMBIÇÕES*, de Kazan, o mesmo Tracy em papel semelhante, poucos anos depois noutro filme “pró-índio”: *THE BROKEN LANCE/A LANÇA QUEBRADA*, de Edward Dmytryk), e tal como estes é forçado a lutar contra os pequenos cultivadores que vêm ocupar a “sua” terra. Há uma diferença de peso, claro. Lance Poole é índio e a comunidade não irá fazê-lo esquecer isso ao recorrer à lei agora dominante no território transformado em Estado e sujeito, portanto, às leis do governo federal (que proibiam a posse da terra aos índios). A evolução de Poole, por seu lado, é, ao começo, uma manifestação de confiança nos princípios de “igualdade” por que lutara na guerra civil e de onde saíra com a medalha do Congresso. O começo do filme não podia ser mais sugestivo. Todos os elementos do drama são de imediato expostos. Poole chega à povoação de onde partira e é efusivamente recebido no bar por alguns amigos e por familiares. Usa a farda que o acompanhará ainda durante algum tempo. Mas diz ao pai que lhe fala na língua nativa: «O meu pai esqueceu-se de falar inglês?». Da parte de Poole tudo tende não para o esquecimento da sua raça mas para o processo de assimilação. Ainda na cena do bar, ao começo, num plano surge em “amorce” a imagem da personagem que vai ser a sua “nemésis”, Verne Coolan (Louis Calhern), homem de leste que veio para o Oeste por razões de saúde, e traz consigo outra doença mais perigosa: o racismo que vai espalhando com as suas manifestações de ódio pelos índios. Homem de leis, sabe recorrer a elas, ou torneá-las, para impor as suas ideias aos novos colonos em busca de terras, apontando-lhes para as que estão ocupadas por Poole. Este, ao começo, recorre aos mesmos instrumentos legais, mas só para reconhecer, a pouco e pouco, a sua futilidade, acabando, em desespero, por se lançar numa luta que sabe suicida. A personagem de Poole anuncia duas outras que em breve surgirão no western, a de Jack Palance em *ARROWHEAD/O APACHE BRANCO*, de Charles Marquis Warren e a de Burt Lancaster em *BRONCO APACHE/O ÚLTIMO APACHE*, de Robert Aldrich, mas é psicologicamente mais rica e complexa do que estas. O tom sombrio da história, a ausência de um fio romântico (estilo *RAMONA*) impediram o filme de ter o sucesso que merecia. Tanto mais que Mann, para além de mostrar completamente senhor dos meios narrativos, na montagem, no uso dramático da profundidade de campo e do contra-picado, mostra uma maestria perfeita na condução das cenas de acção nas espectaculares cenas de batalha entre índios e colonos.

Manuel Cintra Ferreira

Texto originalmente escrito antes da entrada em vigor do novo Acordo Ortográfico